

TEATRO ROMÂNTICO BRASILEIRO



ESCRITORES DOS PAÍSES
DE
LÍNGUA PORTUGUESA

38

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

2008

PREFÁCIO

1 — O romantismo no teatro brasileiro

É pacífica a constatação da influência de Garrett na formação e formatação do romantismo no teatro brasileiro. Essa influência vem do prestígio já considerável do autor, reforçado pelo convívio pessoal e intelectual no exílio parisiense com Gonçalves de Magalhães ou Porto Alegre, e com o reconhecimento precursor, por parte do próprio Garrett, da originalidade dos «engenhos brasileiros» a partir do século XVIII — e isto apesar das restrições também reconhecidas: «a educação europeia apagou-lhes o espírito nacional; parece que receiam de se mostrar americanos», assim mesmo!, escreveu no *Bosquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa*, texto de 1816, reformulado dez anos depois.

Temos especulado acerca da influência recíproca de que as duas literaturas, baseadas como são no idioma e na cultura comuns, mais convergentes nessa época do que hoje, teriam sentido e beneficiado se um frustrado diplomata — Almeida Garrett — fosse nomeado, como era seu desejo, ou pelo menos assim dizia, representante de Portugal na corte do Império, em 1836...¹

¹ Cf. Duarte Ivo Cruz, *O Essencial sobre o Teatro Luso-Brasileiro*, INCM, Lisboa, 2004, p. 28, e bibliografia citada, designadamente Gomes de Amorim, *Garrett — Memórias Biográficas*, t. II, IN, Lisboa, 1884, p. 192, e, em sentido contrário, Henrique Ferreira Lima, *Garrett Diplomata*, Pátria, Gaia, 1932.

Tal não ocorreu, mas ficou o reconhecimento expresso, por parte da primeira geração de dramaturgos brasileiros, da figura tutelar de Garrett. Porto Alegre, em particular, com quem convive em Paris e lhe pintou um belo retrato em 1833, refere-o como «o primeiro poeta português que me fez amar a poesia» e chama-lhe missionário!²

E, no entanto, verifica-se a curiosa coincidência temporal da criação da considerada primeira peça romântica em ambas as dramaturgias: *Um Auto de Gil Vicente*, estreada em Lisboa em 15 de Agosto de 1838, e *António José, ou o Poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães, estreada no Rio de Janeiro em 13 de Março do mesmo ano. Estudaremos esta peça adiante e melhor veremos até que ponto a sua estrutura e linguagem dramática poderiam ter influenciado ou não o texto de Garrett.

Mas, seja como for, há aqui uma ligação cultural de prestígio e de afectos que não é despicienda no contexto da época e da estética e mentalidade dominantes. E que perdurará, repita-se, nesta primeira geração de românticos brasileiros, com destaque ainda para Gonçalves Dias, que expressamente se intitula discípulo de Garrett, ou Castro Alves. De ambos cuidaremos mais à frente.

Mas esta ligação não é absoluta, longe disso. Antes diríamos que, nos dramaturgos aqui antologados, é preponderante mas não exclusiva nos três que acima se referiram. E nem se diga que são os «primordiais» no romantismo teatral brasileiro. Martins Pena, cuja obra portentosa obviamente também será referida, nada tem a ver com Garrett, como nada terão, a não ser, eventualmente, resquícios culturais, Álvares de Azevedo ou Joaquim Manuel de Macedo.

Ora precisamente António Soares Amora, ele próprio continuador de uma solidíssima tradição literária universitária luso-brasileira (genro, como foi, de Fidelino de Figueiredo), traça um curioso paralelismo entre *A Moreninha*, de Macedo, e as *Viajens na Minha Terra*, praticamente contemporâneas (1843-1844). Aliás, Amora, na análise das personagens românticas centrais,

² *Idem, ibidem*, pp. 31-35.

considera que a «moreninha» Carolina, «pela personalidade, pelo interessante de seu tipo, pela viveza e graciosidade de seu temperamento, resultou em ser mais bem idealizada do que sua contemporânea Joaninha, a menina dos olhos verdes ou dos rouxinóis apresentada por Garrett»...³

Mas seja permitido transcrever aqui um texto que publicámos em 2007, na Universidade Aberta, sobre precisamente Garrett e o Brasil; e fazemos agora esta longa transcrição porque assinala, por um lado, o interesse do jovem Garrett pelos assuntos brasileiros, e, por outro lado, aponta como que um precedente interessante — a constituição de sociedades literárias, «secretas» ou não, muito próprias da época que, no caso coimbrão e garrettiano, poderão (ou não...) ter servido de modelo à Sociedade Filomática, também surgida na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1833, com os românticos brasileiros. É tentador relacionar ambos os movimentos e fazer a ligação com o Grupo de Paris que, três anos depois, juntou Garrett, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem. Estes iriam fundar e animar a importante revista *Niterói*.

Faça-se, pois, a transcrição⁴:

Em 1816, Garrett inicia o curso de Direito. Sai bacharel em 1821. Nos cinco anos de estudante, ajuda a fundar uma espécie de sociedade secreta, «não maçónica nem carbonária», diz-nos Ofélia Paiva Monteiro, frequentada por numerosos brasileiros. Era a Sociedade dos Jardineiros ou Keporática ou da Chícara.

A ideologia dominante era obviamente liberal, com eventuais extensões doutrinárias ligadas à defesa da independência do Brasil.

A grande actividade dos «jardineiros» seria, porém, ligada ao teatro. E esse convívio marcará profundamente Garrett, que, aliás, como se sabe, trazia já de Angra

³ António Soares Amora, *A Literatura Brasileira — O Romantismo*, Cultrix Editora, São Paulo, 1973, p. 220, e *História da Literatura Brasileira*, Ática, Lisboa, 1961, pp. 86 e segs.

⁴ Duarte Ivo Cruz, «Garrett e o Brasil», in «Almeida Garrett 150 Anos Depois», revista *Discursos*, Universidade Aberta, 2007, pp. 53 e segs.

alguns esboços dramáticos. Mas mais do que isso, o contacto com os amigos brasileiros constituiu de facto uma grande referência na sua formação intelectual e afectiva. Em 1 de Janeiro de 1824, no exílio inglês, escreve sobre o Brasil em termos perfeitamente ditirâmbicos mas algo ambíguos: «O Brasil, oh!, que país abençoado, se o não perderem! Já eu lá estaria, se não receasse que lhes falte o juízo para bem conservarem o que tão barato lhes custou e tão caro há custado a todos os povos.» Refere-se ao processo da Independência, cotejado com o das «Repúblicas Espanholas», expressão que usa recorrentemente.

Também mais ou menos por esta época terá Garrett concebido o seu primeiro romance «brasileiro», dos três que programou, sem concluir nenhum deles, como adiante se verá. De *Komuray*, inédito mesmo nos esboços, resta um fragmento na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Mais tarde terá programado *Um Brasileiro em Lisboa*, em 1845, e *Helena*, este em 1853, portanto um ano antes da morte. A seu tempo os referiremos.

Em qualquer caso, entre 1824 e 1826, Garrett começa a desenvolver e a definir uma linha de pensamento integrado e pluridisciplinar relativo ao Brasil, no plano da cultura, no plano da literatura, no plano da política nacional e no plano da geostratégia internacional. Estas designações são mais do nosso tempo e do nosso léxico do que dos dele, mas os conceitos aplicam-se com rigor impressionantemente moderno, mesmo visionário, às análises teóricas de Garrett relativas à realidade brasileira.

2 — As influências exógenas

Mas, de certo modo, não devemos considerar «exógenas», no sentido cultural abrangente da palavra, influências na formação do teatro romântico brasileiro, juridicamente externas, como as de Garrett ou do actor português João Caetano, e tantos outros que nesta época trabalharam no Brasil. Ou mesmo de António Feliciano de Castilho, que desembarca no Rio em 1855, precedido de justa fama, a ponto de João Caetano, nome

ÍNDICE

<i>Prefácio,</i> por DUARTE IVO CRUZ	7
ANTÓNIO JOSÉ, OU O POETA E A INQUISIÇÃO — 1837 GONÇALVES DE MAGALHÃES	33
O NOVIÇO — 1845 MARTINS PENA	105
LEONOR DE MENDONÇA — 1846 GONÇALVES DIAS	175
MACÁRIO — 1851 ÁLVARES DE AZEVEDO	249
A TORRE EM CONCURSO — 1861 JOAQUIM MANUEL DE MACEDO	303
GONZAGA, OU A REVOLUÇÃO DE MINAS — 1867 CASTRO ALVES	389